

Radiodocumentário: Morte Nas Águas – Tristes Memórias De Um 6 De Janeiro.¹

Wanderson Luiz Tavares VIANA²
Aline Paiva dos SANTOS³
Ana Cleide Trindade TORRES⁴
Kelly Tathiane Tork PANTOJA⁵
Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

RESUMO

Este trabalho relata o processo de elaboração do radiodocumentário – Morte nas águas. Tristes memórias de um seis de janeiro, resultado da disciplina Oficina de Produção de Rádio, da Universidade Federal do Amapá. A produção conta, através das memórias de jornalistas, como foi realizada a cobertura jornalística do naufrágio do Barco Novo Amapá, no ano de 1981, na época realizada pela Rádio Nacional, pela TV Amapá e pelos jornais impressos de Macapá e do Brasil. Este acontecimento vitimou centenas de pessoas no rio Cajari, próximo ao município paraense de Monte Dourado. Os trabalhos dos jornalistas foram de extrema importância para informar o Brasil e principalmente a comunidade amapaense sobre a dimensão da tragédia, uma vez que até a chegada dos jornalistas as informações eram desconhecidas.

PALAVRAS-CHAVE: Radiodocumentário; Novo Amapá; Jornalismo; Memória.

1 INTRODUÇÃO

O radiodocumentário aborda como foi a cobertura jornalística da “tragédia do Barco Novo Amapá”, um acidente que aconteceu na noite de 06 de janeiro de 1981. A cobertura durou ao longo de toda a semana, com repercussões de vários meses e, durante anos. Até hoje não se tem registros no Brasil de tragédia fluvial com maior magnitude do que a ocorrida com o Barco Novo Amapá. As informações sobre o incidente só chegaram ao conhecimento dos jornalistas na capital Macapá no início da tarde de 07 de janeiro.

Segundo Robert McLeish (2001) documentário caracteriza-se por expor fatos embasados de documentação, seja escrita ou por meio de fontes. O radiodocumentário apresentado optou pela exposição das fontes, como principal meio informativo, pois os seus

¹Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 15 documentário jornalístico e grande reportagem em áudio e rádio.

²Aluno líder do grupo e estudante do Curso Jornalismo da Universidade Federal do Amapá – Unifap, email: wand.viana@gmail.com

³Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo da Universidade Federal do Amapá – Unifap, email: alinepaivasnts@gmail.com

⁴Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo da Universidade Federal do Amapá – Unifap, email: cleidetrindadeap@hotmail.com

⁵Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, email: kellytork@gmail.com

relatos evidenciavam a história do fato, tendo em vista que estiveram envolvidas diretamente com o mesmo.

Um documentário apresenta somente fatos, baseados e evidência documentada – registros escritos, fontes que possam ser citadas, entrevistas atuais e coisas do gênero. O objetivo fundamental é informar, mostrar uma história ou situação sempre se baseando na reportagem honesta e equilibrada. (MCLEISH, 2001, p.191)

Partindo da idéia de que “do documentário, não tiramos apenas prazer, mas uma direção também” (NICHOLS, 2005, p. 27), este trabalho pretende evidenciar uma nova visão sobre este assunto de relevância social, que foi e é a tragédia do barco Novo Amapá, através das memórias de entrevistados.

As fontes escolhidas à produção do documentário foram jornalistas que realizam a cobertura da tragédia e um soldado que participou da remoção dos corpos, que através da narração de seus relatos, poderiam aproximar o ouvinte da história da tragédia. Conforme Schmitz (2011), as fontes de notícias:

São pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia. (SCHMITZ, 2011, p.9)

A relevância do tema deve-se ao fato de que, conforme Philippe Joutard (1992), “podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação”.

Neste sentido, pode se afirmar que este caso da tragédia com o barco Novo Amapá, ainda trás grande comoção, devido ao impacto causado por este acontecimento no Estado, ou seja, pode ser tratado como um fato ‘vivido por tabela’, pois é possível que muitos que não estavam no momento do ocorrido, ou mesmo pessoas que ainda não haviam nascido, sintam-se fazer parte desta eventualidade.

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, pag.2).

Nesta produção, tenta-se entender o ocorrido, de acordo com Maurice Halbwachs, que relata a memória “como um fenômeno coletivo social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. (POLLAK, 1992, pag.2).

O trabalho jornalístico é de suma importância para a sociedade, pois é através dele que há circulação de informação. No caso da tragédia do barco Novo Amapá, a população amapaense, na época, dependia exclusivamente das notícias repassadas pelos Jornalistas.

Para Pereira Júnior (2006), o jornalismo é mais que um serviço, é também um compromisso com a sociedade “O jornalismo é um campo de aplicação da ética, mas é também uma disciplina de verificação instrumental. Só fará sentido na inserção entre: desempenho técnico (cujo terreno é verificável) e o compromisso ético e humanístico (seu horizonte é a cidadania)”.

2 OBJETIVO

O objetivo do ráiodocumentário é a trazer à tona memória da cobertura jornalística da “tragédia do Barco novo Amapá”, através dos relatos dos jornalistas que trabalharam para repassar as informações do ocorrido para a população do Amapá e do Brasil em geral. O produto objetiva averiguar quais os meios de comunicação enviaram seus jornalistas ao local do acidente e quem são esses jornalistas, percebendo em quais condições jornalísticas – e inclusive emocionais – este trabalho foi realizado.

3 JUSTIFICATIVA

O barco Novo Amapá saiu do porto de Santana no dia 6 de janeiro, às 14 horas, em direção ao município de Laranjal do Jari, distante cerca de 260 quilômetros da capital, Macapá, levando em sua maioria trabalhadores da empresa Jari Celulose. Após seis horas de viagem, o barco naufragou nas intermediações da foz do rio Cajari. A notícia só chegou a Macapá no início da tarde do dia 07 de janeiro.

As primeiras informações foram dadas por dois sobreviventes, eles davam como certa a morte de 23 das 146 pessoas que o despachante Oswaldo Nazaré Colares havia informado à capitania dos portos do Amapá. No dia seguinte, a verdadeira extensão da tragédia mostrou-se aos olhos da população de Macapá. Não existe número exato de quantas pessoas estavam no barco, estima-se que mais de seiscentas pessoas viajavam na embarcação e que apenas metade, ou menos, sobreviveu ao acidente.

Logo, a escolha pelo tema da Tragédia do Barco Novo Amapá se deu por ter sido um fato de grandes proporções no Brasil, sendo até veiculado em um dos maiores telejornais da emissora Globo, o Jornal Nacional. No estado do Amapá, a população ficou chocada com o que aconteceu e com o que era visto no Porto de Santana, cidade vizinha a Macapá:

cadáveres irreconhecíveis chegavam em balsas, e eram imediatamente encaminhados para o cemitério de Santana, em avanço do estado de putrefação, onde foram enterrados de forma coletiva em grandes valas, sem identificação de quem eram aquelas pessoas.

E por acreditar que é em momentos assim, de tragédias e fatos de grandes repercussões, que o jornalista deve realizar um trabalho aprofundado. É neste momento que os Profissionais da Informação devem cumprir sua mais nobre e simples missão: Informar os fatos.

Noticiar tragédia, guerras e desastres não é fácil para os jornalistas, além de não se envolver emocionalmente com o acontecimento, o jornalista deve ter cuidado para não apelar para informações sensacionalistas.

Os jornalistas necessitam de preparo para entender que uma tragédia não produz apenas cenas de desesperar, mas também, e muito frequentemente, a paralisia do choque. Essensfelder (2013), baseado na pesquisa de Coté e Simpson(2000), sobre o trabalho jornalístico em situações traumáticas, diz que a aparente “calma” de uma pessoa afetada por tragédia não quer dizer rigorosamente nada. “Cada vítima lida com a tragédia à sua maneira, e, embora haja alguns padrões recorrentes, é impossível para o jornalista avaliar, em campo e sem treinamento o efeito do choque”.

São os relatos daqueles que passaram pelos momentos de desespero que dão à cobertura um caráter humano. Como Amaral (2011) afirma:

Outra função do testemunho é ressaltar o que há de mais humano ou desumano em tal acontecimento. É denunciar uma perda e a vivência ou sobrevivência de um evento radical e limite. As fontes testemunhais sozinhas não dão o sentido primeiro ao fato, elas compõem um relato necessariamente acompanhado de outros, até porque a experiência não é auto explicativa, ela não basta ao relato jornalístico.” (AMARAL, 2011, p.12)

Este trabalho não é um simples registro para que as pessoas recordem do trágico acontecimento que envolveu o Barco “Novo Amapá”, mas sim, pretende contribuir para a abertura de espaço relativo à memória do fato e do jornalismo amapaense, que está se perdendo gradativamente com o tempo por diversos fatores, como a falta de cuidado no arquivamento das informações e dos materiais produzidos, que um dia foram veiculados pelos meios de comunicação.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A realização do radiodocumentário se iniciou através de pesquisa bibliográfica, que retratasse o incidente do Barco Novo Amapá. O material bibliográfico foi adquirido através da Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá, biblioteca Pública de Macapá e pesquisas na Internet, buscando reportagens da época do acidente, para saber informações necessárias sobre fontes e dados sobre o assunto.

Também foram utilizados dados e elementos históricos registrados em Jornais, (já que os matérias de Tvs e Rádios locais são inexistentes) e, entrevistas com profissionais da comunicação que fizeram parte dessa história.

A escolha pelo rádio se deu pelas possibilidades que os recursos sonoros permitem tanto para os jornalistas quanto para os ouvintes, o primordial é a voz humana, que é capaz de expressar sentimento, aproximando narrador e ouvinte. Além de o rádio, por ser um veículo de comunicação dinâmico, utilizar-se de uma linguagem coloquial, o que o torna capaz de alcançar um número muito grande de pessoas, de diferentes classes sociais.

Trata-se de um meio cego, mas que pode estipular a imagem, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor, o ouvinte tente visualizar o que ouve, criando na mente, a figura do dono da voz. E ainda, a grande vantagem de um meio de comunicação auditivo sobre o meio impresso está na voz humana. O entusiasmo, a compaixão, a raiva, a dor e o sorriso. A voz é capaz de transmitir muito mais do que o discurso escrito. Ela tem inflexão e modulação, hesitação e pausa, uma variedade de ênfases e velocidade. (MCLEISH, 2001, p. 15).

Com isso, o rádio ainda é um dos meios de comunicação mais populares, por ser considerado democrático, pois não é preciso saber ler e escrever para entendê-lo e conseguir a informação.

Entre os meios de comunicação de massa, o rádio é, sem dúvida, o mais popular e o de maior alcance público. Não só no Brasil como em outras partes do mundo constitui-se o único meio a levar a informação e o entretenimento para populações de vastas regiões que não têm acesso a outros recursos, por motivos geográficos econômicos ou culturais. (CÉSAR, 2009, p. 119)

De acordo com McLeish (2001) há uma vantagem na produção radiofônica:

A grande vantagem de um meio de comunicação auditivo sobre o meio impresso está no som da voz humana – o entusiasmo, a compaixão, a raiva, a dor e o riso. A voz é capaz de transmitir muito mais do que o discurso escrito. Ela tem inflexão e modulação, hesitação e pausa, uma variedade de ênfase e velocidade. (MCLEISH, 2001, p. 19)

Para a produção do radiodocumentário e também para nortear o relato como um todo, foram realizadas visitas nos principais meios de comunicação de Macapá que fizeram a cobertura do fato, como por exemplo, a Rádio Difusora de Macapá.

Sendo assim, o objetivo era deter-se nos veículos de comunicação mais antigos do Amapá para entrevistar os jornalistas que participaram efetivamente da cobertura jornalística do naufrágio do Barco Novo Amapá.

Segundo Aldo Antonio Schmtiz (2011):

O saber do jornalismo também é construído pela fonte, embora não se preste a devida atenção à sua relação com a mídia. As notícias resultam de processos complexos da interação, mas há limites na sua produção, por isso, cada vez mais as fontes fornecem conteúdos prontos para uso. (SCHMTIZ, 2011, p.12)

Uma fonte de suma importância para o documentário foi Humberto Moreira, um dos mais antigos jornalistas do Amapá, que trabalhava na Rádio Difusora, na época Rádio Nacional, ele esteve presente no local até a remoção completa de todos os corpos das águas do Rio Cajari. Entrevistamos o jornalista Paulo Silva, que também trabalhava na Rádio Difusora, ele ficou sitiado no porto de Santana, realizando seus trabalhos jornalísticos.

Sebastião Oliveira e Júlio Duarte compunham a equipe de repórter e cinegrafista da TV Amapá, afiliada rede Globo no Amapá, na época do acidente. Os dois sobrevoaram o local da tragédia. A TV Amapá era a única emissora detentora de imagens audiovisuais do incidente, porém elas estão indisponíveis. Através destas entrevistas, pretendíamos entender o ponto de vista de quem retratou este fato de repercussão internacional.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A tragédia do Barco Novo Amapá chama a atenção devido aos poucos arquivos históricos que contam um dos fatos de maior repercussão do Estado do Amapá. Quando fomos a Rádio Difusora de Macapá, que era a Antiga Rádio Nacional, o meio de comunicação que acompanhou de perto todo o processo de remoção dos corpos do Rio Cajari, em busca das matérias radiofônicas da época sobre o acidente, descobrimos que não se existia mais o conteúdo.

Sendo assim, o único lugar que teríamos acesso ao material audiovisual seria a Tv Amapá, entretanto o HD que continha as imagens e as reportagens da época foi danificado e as fitas antigas em que foram gravadas as reportagens estavam sem o equipamento para realizar a reprodução do material.

Constatou-se através dos relatos dos radialistas Humberto Moreira e Paulo Silva, que a transmissão da informação foi feita de forma precária. Nas embarcações, existia um sistema de comunicação via rádio chamado SSB, através deste equipamento eram

repassadas as informações para o sistema de transmissão de dados da SUTEL-AP para a Rádio Nacional.

Naquela época, a TV Amapá ainda não possuía link para a transmissão ao vivo, nem transmissão via satélite, por isso a equipe da emissora foi ao local do acidente, realizou as filmagens e anotações sobre o fato, voltou para Macapá, realizou a produção e edição das reportagens, mandou para Belém (capital do Estado do Pará) e de lá foram enviadas as informações para todo o Brasil, tornando o fato conhecido em todo território nacional e internacional.

Com isso, montamos um planejamento de um radiodocumentário que destacasse os relatos daqueles que participaram da cobertura da tragédia e também dos que sobreviveram, priorizando o regaste de memórias das histórias, que seriam narradas pelas próprias fontes.

A principal vantagem do documentário sobre a fala direta é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver o maior número de pessoas, de vozes e um tratamento de maior amplitude. É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas idéias e interesses. (MCLEISH, 2001, p.192)

Uma das dificuldades na coleta de informações foi que, por se tratar de uma tragédia, muitas pessoas preferiram não falar sobre o assunto, pois o incidente com o Novo Amapá trazia recordações ruins. Muitos sobreviventes tiveram que realizar tratamentos psicológicos, pois traumas do acidente eram inevitáveis.

Outra dificuldade para a realização deste trabalho foi a questão de equipamentos. A falta desses materiais de captação de áudio dificultou a qualidade do som. Os áudios foram gravados com a ajuda de um telefone celular. O radiodocumentário teve sua edição realizada através do programa Sony Vegas pro 13.

Sobre a estrutura, optamos pela figura do narrador, para locução explicativa, para conduzir o programa de maneira lógica e informativa. Também, utilizamos efeitos sonoros, para prender sempre a atenção do ouvinte, como, por exemplo, a música. McLeishe (2001) diz que a música adequada pode ajudar na criação de uma perspectiva histórica correta.

A razão de usar sons ao vivo é ajudara criar um clima apropriado. Mais do que isso, para aqueles ouvintes que estão familiarizados com o tema, o reconhecimento de um ambiente autêntico e de ruídos específicos eleva a autoridade do programa. (MCLEISHE, 2001, p. 194)

O radiodocumentário Morte Nas Águas – Tristes Memórias De Um 6 De Janeiro. Teve duração de 33 minutos e 9 segundos, iniciando com uma sonora de desabafo do sobrevivente César Lima. Em seguida, contém relatos dos Jornalistas Humberto Moreira, Paulo Silva, Júlio Duarte, Sebastião Oliveira e Fernando Canto, que participaram da

cobertura do acidente. Há também a fala do Jornalista Reginaldo Borges, ex soldado que na época trabalhou na remoção dos últimos cadáveres.

O radiodocumentário finaliza com o narrador falando que não há números exatos de mortos e sobreviventes, e também não houve punição aos responsáveis pelo barco Novo Amapá e aos órgãos de fiscalizações navais.

6 CONSIDERAÇÕES

A Tragédia com barco Novo Amapá ainda é considerada como o maior desastre fluvial do Brasil. Passados trinta e quatro anos, ainda não se sabe quantas pessoas estavam realmente naquela embarcação, nem quantas pessoas vieram a falecer nas águas do rio Cajari. As informações repassadas pelos jornalistas na época davam conta de que mais de seiscentas pessoas estavam no barco, e que centenas vieram a morrer.

Os verdadeiros culpados pela desventura não foram encontrados, muito menos punidos. Um processo judicial foi aberto pelo advogado Pedro Petcov, entretanto pela morosidade da justiça nenhuma ação foi tomada, levando a prescrição e arquivamento do processo.

A busca por materiais, em áudio e vídeo, referentes à tragédia foi incessante. A única esperança era o material em vídeo pertencente aos arquivos da TV Amapá, entretanto não nos foi disponibilizado. Esta falta de material sobre a tragédia foi um dos pontos que motivou a realização deste radiodocumentário.

Sabe-se ainda que o trabalho dos jornalistas na cobertura jornalística da tragédia foi de suma importância, pois sem os trabalhos desses profissionais a população do Amapá e o Brasil em geral não ficariam sabendo do ocorrido com tanta rapidez.

No Amapá, o povo se aglomerava no porto de Santana, em busca de informações, mas os corpos que chegavam eram encaminhados diretamente para o cemitério de Santana, onde foram enterrados em grandes valas coletivamente, sem as menores homenagens por conta do avançado estado de decomposição. Ainda hoje é notório no estado ver pessoas que se emocionam ao lembrar da “Tragédia do Barco Novo Amapá”.

Este trabalho serve como um instrumento histórico e jornalístico sobre o passado, para o presente e o futuro, através do resgate das memórias dos jornalistas que cobriram a tragédia do barco Novo Amapá, justamente por ser este um fato diretamente envolvido na história do povo da Amazônia. Este povo que tem como um dos principais meios de transporte, as embarcações. Logo, além do trabalho ser jornalístico e histórico social, ele

também tem o intuito de chamar atenção para que sejam realizadas mais fiscalizações nas saídas dos portos, não só em período festivos, mas que sejam fiscalizações incansáveis para que novas fatalidades, como o que aconteceu com o Novo Amapá, não se repitam e voltem a afligir o povo amazônico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÉSAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.
- KOVACH, Bill. ; Rosensteil, Tom. **Os Elementos do jornalismo**. ed. 1. Geração Editorial, 2003.
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. 3.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.
- NICHOLS, BILL.: **Introdução ao documentário**, Campinas: Papyrus, 2005. P. 27.
- PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação da imprensa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- POLLAK, MICHAEL. **Memória e identidade social**. 1992. P. 2- 3
- SCHMIDT, M.L.S; MAHFOUD, M. Haldwachs: **Collective memory and experience**. Psicologia USP, S. Paulo, v.4 n.1/2, p.285-298, 1993.
- SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. 1. ed. Florianópolis: Combook, 2011.